



## “Tô notando, sô!” A partícula vocativa *sô* e a interface sintático-pragmática

### “Tô notando, sô!” *The vocative particle sô* and the syntactic-pragmatic interface

Juliana Costa Moreira

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG),  
Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

[julianaichs@yahoo.com.br](mailto:julianaichs@yahoo.com.br)

<http://orcid.org/0000-0003-4329-7142>

**Resumo:** Moreira (2005, 2008) e Moreira e Alkmim (2013) observam que a forma *senhor* e suas variantes de gênero e número são frequentemente utilizadas como vocativo em construções extraídas de peças teatrais escritas por autores mineiros nos séculos XIX e XX. Considerando os trabalhos citados, a nossa hipótese é a de que a incidência do uso da forma *senhor* como vocativo em posição final resultou em um processo de gramaticalização, que originou as formas reduzidas desse item: *sinhô*, *seu*, *siô*, *sôr* e *sô*. Neste artigo, a partir de dados de intuição e da avaliação de falantes nativos, objetiva-se descrever e analisar as construções em que o item *sô* se realiza. Seguimos Hill (2007, 2014) que situa o vocativo na estrutura sintática, considerando a função pragmática que este item desempenha. Como resultado, tem-se as configurações arbóreas correspondentes às construções em que o item *sô* se realiza e considerações sobre o vocativo na estrutura sintática do dialeto mineiro.

**Palavras-chave:** *senhor*; *sô*; vocativo; estrutura sintática; função pragmática.

**Abstract:** Moreira (2005, 2008) and Moreira and Alkmim (2013) observe that the form *senhor* and number and gender and number variants are frequently used as a vocative in constructions taken from plays written by authors from Minas Gerais in the 19th and 20th centuries. Considering the works cited above, our hypothesis is that the incidence of the use of the form *senhor* as a vocative in final position resulted in a process of grammaticalization that originated the reduced forms of this item: *sinhô*, *seu*, *siô*, *sôr* e *sô*. In this article, based on intuition and evaluation data from

native speakers, we aim to describe and analyze the constructions in which the item *sô* is realized. We follow Hill (2007, 2014), who places the vocative in the syntactic structure, considering the pragmatic function that this item performs. As a result, we present tree configurations corresponding to the constructions in which the item *sô* is realized, as well as considerations about the vocative in the syntactic structure of the dialect of Minas Gerais.

**Keywords:** *senhor*; *sô*; vocative; syntactic structure; pragmatic function.

Recebido em 31 de agosto de 2020

Aceito em 18 de novembro de 2020

## 1 Introdução

Moreira (2005, 2008) e Moreira e Alkmim (2013, p. 85) observam que a forma *senhor*, e suas variantes de gênero e número, são frequentemente utilizadas como vocativo, respectivamente, em *corpus* constituído por peças teatrais escritas por autores mineiros e, em um segundo *corpus*, representativo do Português Brasileiro dos séculos XIX e XX.<sup>1</sup> São exemplos do *corpus* de Moreira (2005):

- (1) a. Senhora, já estais sciente dos meus intentos, conforme acabei de ouvir. (REZENDE, 1882, s.p.)  
b. Oh, senhores, custa-me a acreditar em tamanha felicidade (PAIVA, 1893, s.p.)
- (2) Eu, Snr<sup>es</sup>, não sou nenhum vaqueiro, Que viva de guardar alheio gado... (PAIVA, 1893, s.p.)
- (3) Não há mais barreira, senhor. (WERNECK, 1900, p. 120.)

Em (1a), os vocativos *senhora* e *senhor*, respectivamente estão situados à esquerda da oração. Observe-se, no entanto que em (1b), há a precedência da interjeição *oh*. Já em (2), uma abreviatura de *senhor*, *Snr<sup>es</sup>*, vocativo, situa-se em uma posição intermediária, entre o sujeito e o verbo e; em (3), observe-se que o termo *senhor*, ao exercer também a função sintática de vocativo, está alocado à direita da oração.

---

<sup>1</sup> Alguns exemplos citados neste artigo pertencem ao *corpus* de Moreira (2005) para o desenvolvimento de estudo sobre o vocativo na língua coloquial de Minas Gerais.

Moreira (2005, p.37) observa, em relação ao dialeto mineiro, e também Moreira (2008, p.59), tratando-se do Português Brasileiro, que, no século XIX, o vocativo é utilizado com mais frequência em posição inicial [Voc + Oração], em relação à ocorrência deste constituinte em posição medial [Oração + Voc + Oração] e em posição final [Oração + Voc].

Ao investigar a ordem do vocativo na oração do Português Brasileiro, Moreira (2008) obtém os resultados apresentados na Tabela 1.

TABELA 1 – Frequência de uso de vocativo em função do tempo

<i>Estruturas</i>	<i>T1</i>			<i>T2</i>			<i>T3</i>			<i>T4</i>			<b>Total</b>
	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>										
<b>[Voc + Or]</b>	160	43/	.61	114	46	.56	131	35	.43	106	36	.39	511
<b>[Or +Voc]</b>	209	57	.38	133	54	.43	245	65	.57	189	64	.60	776
<b>Total</b>	369	100	-	247	100	-	376	100	-	295	100	-	1287

Fonte: Moreira (2008, p. 60.)

De acordo com a Tabela 1, na primeira metade do século XIX (T1), o vocativo é utilizado com mais frequência em posição inicial (.61) e, no século XX, o índice de ocorrência do vocativo nesta posição decresce e o que se obtém, na 2ª metade do século XX (T4) é o peso relativo de .39. Por outro lado, construções com vocativo em posição final são menos frequentes ao início do século XIX (T1), apresentando o peso relativo de .38 e se tornam mais recorrentes no século XX, de modo que atingem na última faixa temporal analisada o peso relativo .60. O perfil descrito é característico de um processo de mudança de ordem do vocativo na oração do Português Brasileiro.<sup>2</sup>

Devido à baixa frequência de ocorrência de vocativo em posição intermediária (9%), optou-se, neste estudo, por descartar esses enunciados, no que se refere à análise quantitativa realizada, já que esta é feita a partir de uma variável binária.

Moreira (2008) investiga os fatores linguísticos que podem estar levando a mudança à frente no Português Brasileiro, utilizando o Programa Goldvarb 2001. Ao detalhar um desses fatores, qual seja, o material que

<sup>2</sup> Esses resultados foram obtidos a partir da submissão dos dados ao Programa Goldvarb 2001.

compõe os vocativos, verifica o peso relativo consideravelmente alto desse constituinte, em posição final, quando corresponde a um apelido (.79), a uma expressão nominal de tratamento (.69)<sup>3</sup> e quando se trata de epíteto (.57).<sup>4</sup>

Todavia, há de se considerar que é baixo o número de apelidos no total do *corpus*: há apenas sete construções em que o vocativo corresponde a um apelido, os quais se encontram na peça “Dois perdidos numa noite suja”, de Plínio Marcos, obra em que se observa uma linguagem coloquial. Diante dessa observação, tratando-se dos constituintes que podem representar sintaticamente o vocativo, verifica-se que há maior índice de ocorrência de vocativo como expressão nominal de tratamento em posição final. Esse resultado é esperado, pois, em contextos em que não se tem conhecimento do nome de alguém, um pronome, uma expressão nominal de tratamento ou um vocativo profissional, por exemplo, pode ser utilizado, uma vez que são mais genéricos do que aqueles representados morfofonologicamente por um nome próprio.

Partindo esses resultados, Moreira e Alkmim (2013, p. 87) tratam a mudança de posição do vocativo na oração como hipótese para explicar a redução de *senhor* > *sô* quando à direita da oração. Ao levar em conta essa hipótese, postulam que o sintagma que o sintagma que constitui o vocativo no caso aqui analisado com a mudança de posição na oração, da esquerda para a direita, torna-se mais gramatical. Desse modo, a posição à direita poderia ser considerado um ambiente propício para a ocorrência da forma reduzida *sô*. A partir desta hipótese, Ramos (2011, p.75) argumenta:

embora as autoras não justifiquem teoricamente esta correlação nem apresentem um estudo quantitativo da forma reduzida conforme a posição do vocativo no eixo do tempo e se restrinjam

---

<sup>3</sup> De acordo com a Profa. Jânia Ramos (comunicação pessoal), há várias razões para se considerar o item *senhor* como uma expressão nominal de tratamento e não como um pronome: o fato de ora vir com artigo (*O senhor aceita um café?*), ora sem artigo (*Senhor, aceita um café?*) é uma dessas razões. Comparando com *a gente*, pode-se ver claramente a diferença. No termo *a gente*, o item “a” não pode mais ser descrito como um artigo por ter perdido a capacidade de indicar o traço [+ definido] do nome.

<sup>4</sup> “Epíteto é a palavra ou expressão que se associa a um nome ou a um pronome para qualificá-lo; qualificação elogiosa ou injuriosa dada a alguém; alcunha, qualificativo”. (HOUAISS; VILLAR, 2001, p.70).

à apresentação de um estudo quantitativo da distribuição de vocativos conforme sua posição na sentença, a hipótese formulada é interessante, se analisada sob um tratamento formal de gramaticalização. Se tivermos em conta que o vocativo constitui o *locus* em que nomes e pronomes ocorrem sem determinante, as autoras ao chamar atenção para uma configuração de sentença especial [oração + vocativo], acabam por ressaltar uma função sintática relevante. (RAMOS, 2011, p. 76).

Partindo da hipótese apresentada, a autora considera que a ocorrência de *senhor* como vocativo à direita, à esquerda ou no meio da oração teria sido o gatilho para a reanálise do nome como pronome, como explicitado na *cline* abaixo:

(4) *senhor* >... > *sinhô* > ... > *sô*

Em vista disso, apresenta um estudo sobre as ocorrências de *senhor* em vocativos, com o objetivo de mostrar que *senhor* e *sô* são pronomes, sendo o primeiro uma forma homônima de um nome. A partir da análise de três *corpora*, um diacrônico e dois sincrônicos, conclui que esse processo se desenvolveu nos últimos dois séculos e que a ocorrência do item na posição de vocativo favoreceu a reanálise sintagma nominal > núcleo pronominal, chamando a atenção para a importância dos vocativos no processo de pronominalização, o que resultou na realização das formas reduzidas *sinhô*, *seu*, *siô* e *sô*. São exemplos de construções contendo as formas reduzidas da expressão nominal de tratamento *senhor*:

(5) Não sei, não sinhô, foi um branco que me deu. (PAIVA, 1897, s.p.)

(6) a. Seu dotô, não há esse que não tenha um podre na vida. (BRAGA, 1915, s.p.)

b. Oia, seu dotô, uma lembrança dela. (BRAGA, 1915, s.p.)

(7) A onça, Sôr Porteiro, a onça que cá está. (PAIVA, 1897, s.p.)

(8) Ah siô Belchior! é um estirão do Porqueiro até aqui. (REZENDE, 1906, s.p.)

(9) Tô notando, sô, e aperciando e hei de vortá aqui mais veis... (PAIVA, 1897, s.p.)

No exemplo (5), temos a realização da forma *sinhô*, antecedida por *não*, formando uma resposta negativa;<sup>5</sup> em (6a) e (6b) observa-se que a forma “seu” ocorre seguida por um nome *doto*.<sup>6</sup> No *corpus* de Moreira (2005), encontramos também a forma *sôr*, exemplificada em (7). À semelhança de *seu*, as formas *sôr*, em (7) e *siô*, em (8), ocorrem seguidas de um nome, como em *Sôr Porteiro* e *siô Belchior*. Observe-se também em (8) que a forma *siô*, em posição inicial, é precedida pela interjeição “ah”. Já no exemplo (9), a forma *sô se* realiza ao final da primeira oração do período. No entanto, encontramos também a ocorrência do vocativo *sô* em posição inicial:

(10) Uai, sô, que baruio é esse ... (REZENDE, 1906, s.p.)

(11) Uê sô! Vance ta com vergonha de dizê que bebe cachaça? (REZENDE, 1906, s.p.)

No exemplo (10), a forma *sô* ocorre em posição inicial, precedida pela interjeição *uai*, ao passo que em (11), a interjeição *uê* a precede.

Como visto, nos exemplos do dialeto mineiro, a forma *sô* pode ocorrer ao final da oração ou ao início, se precedida de interjeição. Tendo em vista o exposto, propomos descrever a ocorrência de *sô* no dialeto mineiro contemporâneo, utilizando dados de intuição e também a avaliação de falantes nativos, na seção 3. Com base na descrição proposta, é também objetivo deste artigo representar sintaticamente as construções contendo a forma *sô*. Partimos do pressuposto de que esta forma ocorre na mesma categoria sintática do que o vocativo, considerando-se que esta posição é o *locus* do processo de pronominalização.

Partimos da caracterização das funções pragmáticas do vocativo como chamamento e destinatário, conforme Moreira (2008), levando em consideração trechos de peças de teatrais, embora a autora não utilize esses termos, ao declarar que as posições de colocação do vocativo na sentença podem gerar diferentes interpretações. Em detalhes, observe-

<sup>5</sup> Moreira (2005) observa que esse tipo de construção (*sim/não* + *senhor*), à semelhança de alguns vocativos, têm em sua composição um pronome (senhor, senhora) e vêm separadas por vírgula do restante da oração.

<sup>6</sup> A forma *seu* não ocorre isolada e, pelo que se observa, geralmente, é seguida por nome, como é o caso de *doto*, nos exemplos em (6). Ressalte-se que pode se tratar também de um nome próprio Seu Belchior, por exemplo.

se que, quando o falante está próximo do ouvinte ou aguardando uma resposta deste no contexto comunicativo, não havendo disputa de atenção daquele, o vocativo pode se situar à direita da oração, como no trecho:

(12) Tonho: (...) Eu estudei. Uma briga com o negrão não acaba nunca. Se eu acerto ele hoje, ele me pega de faca amanhã. Se eu escapo amanhã, ele me pega depois. Só acaba com a morte.

Paco: Mata ele.

Tonho: Eu estudei, meu chapa. Não estou a fim de apodrecer na cadeia por causa de um desgraçado qualquer.

(MARCOS, 1978, p. 38 *apud* MOREIRA, 2008, p. 91)

No trecho acima, *Tonho* não disputa a atenção de *Paco* com outro(s) interlocutor(es). O diálogo se dá entre os dois personagens que estão próximos e, portanto, a fala do último é esperada pelo primeiro.

Conforme Moreira (2008), o vocativo pode ser o primeiro constituinte da oração quando o enunciador está distante do ouvinte ou quando este deseja chamar a atenção daquele, principalmente quando há, no contexto do ato de fala, disputa da atenção deste último, como ilustrado no trecho:

(13) Jorge: Vizinha, vizinha, o que é? O que foi? Não vejo ninguém...

Florência: Quem está aqui?

Jorge: Vizinha, somos nós.

Emília, *dentro*: Minha mãe, minha mãe!

Florência: Ah, é o vizinho Jorge! E estes senhores! (*Levantando-se ajudada por Jorge*).

Emília: Minha mãe, o que foi? (MARTINS PENA, 1956, p. 329.)

Neste exemplo, embora o enunciador esteja próximo do ouvinte, dirige-se a ele com espanto, o que nos leva a crer que a intenção do primeiro é chamar a atenção do último. Podemos observar, ainda, que há disputa da atenção do ouvinte: tanto *Jorge*, o vizinho, como a filha *Emília*, requerem a atenção de *Florência*.

O vocativo pode também ocorrer dentro do enunciado quando o falante opta por enfatizar outro constituinte interno a oração, como no exemplo abaixo:

(14) Florência: O rapaz não tem inclinação nenhuma para ser frade.

(...)

Mestre: O dia que o Sr. Carlos sair do convento será para mim um dia de descanso. (...) Não se passa só um dia em que se não tenha de lamentar alguma travessura desse moço (...).

Florência: Foi sempre assim, desde pequeno.

Ambrósio: E seria uma crueldade violentar-lhe o gênio.

Mestre: E se o conheciam, senhores, para que o obrigaram a entrar no convento, a seguir uma vida em que se requer tranquilidade de gênio?

Florência: Ah, não foi por meu gosto, meu marido é que persuadiu-me.

Ambrósio, *com hipocrisia*: Julguei assim fazer um serviço agradável a Deus.

Mestre: Deus, senhores, não se compraz com sacrifícios alheios.

(MARTINS PENA, 1956, p. 316.)

No exemplo acima, o sujeito da oração *Deus* é topicalizado e se situa à esquerda do vocativo *senhores*. Observe-se que, também neste caso, o falante (o *Mestre*) está próximo dos seus interlocutores (*Florência* e *Ambrósio*) e não há, ainda, disputa de atenção destes.

Em resumo, no contexto exemplificado em (12), em que o vocativo se situa em posição inicial, a função do vocativo é chamar a atenção do interlocutor ou evocá-lo, principalmente quando, no contexto, há disputa de atenção entre os interlocutores. Já nos trechos em (13) e (14), com vocativo em posição final e dentro do enunciado, respectivamente, a intenção do falante parece ser manter o contato já estabelecido.<sup>7</sup>

Hill (2007, 2014) também diferencia também os chamamentos dos destinatários, no que diz respeito à interpretação do vocativo e sua distribuição sintática. Em termos gerais, se o vocativo se situa em posição inicial, exerce função de chamamento, enquanto que, ao exercer função de destinatário, pode ocorrer em outras posições. Assim, o vocativo pode ser interpretado como chamamento (*call*) ou destinatário (*address*), conforme a posição na oração, como nos exemplos a seguir:

<sup>7</sup> A observação do contexto pragmático em que os vocativos ocorrem e a relação entre função sintática, papel pragmático e diferentes interpretações dos vocativos é o que motiva assumirmos a postulação dos traços da periferia pragmática suas checagens e movimentos, o que será apresentado em seções subsequentes a esta.

- |         |                               |              |
|---------|-------------------------------|--------------|
| (15) a. | Maria, tira a roupa do varal. | Chamamento   |
| b.      | Tira a roupa do varal, Maria. | Destinatário |

É atribuída ao vocativo “Maria”, em posição inicial, em (15a), a leitura de chamamento ou interpelação. Porém, esta mesma leitura não pode ser atribuída aos vocativos em posição final, como em (15b). A interpretação que é atribuída a estes últimos é a de destinatário.

Considerando as possíveis funções pragmáticas e a posição do vocativo na oração, Hill (2007, 2014) apresenta uma proposta para a posição do vocativo na estrutura sintática, a qual será apresentada na próxima seção.

Nossa discussão, neste texto, está organizada basicamente em quatro seções. Na seção 2, apresentamos o referencial teórico utilizado para a análise das construções que contêm o item *senhor* ou da forma reduzida deste item, qual seja, *sô*. Na seção 3, descrevemos o comportamento sintático da forma *sô* no dialeto mineiro. Na seção 4, apresentamos a análise dessa partícula na interface sintático-pragmática. Por fim, na seção 5, constam as nossas considerações finais a respeito do fenômeno aqui abordado.

## 2 Referencial teórico: a interface sintático-pragmática

Conforme mencionado anteriormente, seguindo Ramos (2011, p. 81), consideramos que a posição de vocativo é o *locus* do processo de pronominalização da forma *senhor*. Com base em Speas e Tenny (2003), Hill (2007, 2014) considera que este constituinte, que representa o ouvinte, bem como constituintes que manifestam a opinião do falante, como as interjeições, situam-se na interface sintático-pragmática, em uma projeção denominada *Speech Act Phrase* (SAP).<sup>8</sup>

A projeção SAP é localizada acima de ForceP, projeção mais alta do domínio CP (RIZZI, 1997, p. 297), como expresso em (16):<sup>9</sup>

<sup>8</sup> De acordo com Hill (2007, 2014), esta projeção se assemelha à concha (vP/VP) que representa sintaticamente as construções bitransitivas (e.g. *I gave the book to Mary*).

<sup>9</sup> Hill (2014, p. 147) propõe essa configuração ao analisar dados do romeno, do búlgaro e do umbundu.

(16)



Fonte: Hill (2014, p.147).

Hill (2007, p. 2100) propõe que os vocativos são situados em uma categoria SAhP, na área de ouvinte. As interjeições, por sua vez, são situadas na área de falante, mais especificamente em uma categoria que a autora denomina SAs.

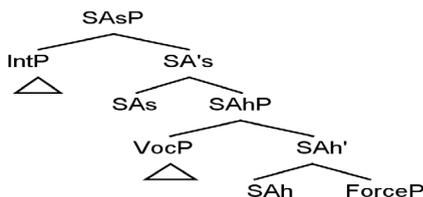
Observe-se a ocorrência da partícula *hai*, nesse núcleo, correspondente ao traço [V] realizado lexicalmente no romeno. Esse traço seleciona um enunciado, ou seja, ForceP, e se relaciona com as projeções de C/T/V. Assim, compreendemos o fato de o vocativo poder apresentar os mesmos traços *phi* de um constituinte argumental, isto é, a possível relação de SAhP com um constituinte argumental.

Segundo Hill (2007, p. 2092), a partícula *hai* apresenta uma terminação morfológica que pode variar de acordo com o tipo sentencial, a saber, a forma *haideti*, utilizada no modo imperativo, e a forma *haidem*, que ocorre no modo subjuntivo. É, assim, evidente que há uma relação entre o traço do ato de fala com a categoria ForceP, categoria do domínio de CP, na qual é codificado o tipo sentencial.

Seguindo uma linha de raciocínio cartográfica, consideramos a existência da categoria VocP, situada no especificador de SAhP e, equiparadamente, consideramos que as interjeições podem ser representadas por uma categoria IntP (*interjection phrase*) na posição de especificador de SAsP.<sup>10</sup> É o que mostramos a seguir:

<sup>10</sup> Na próxima seção, apresentaremos evidências para a existência da categoria VocP; no entanto, não exploraremos, neste artigo, essa categoria IntP, uma vez que não está dentre os nossos objetivos.

(17)



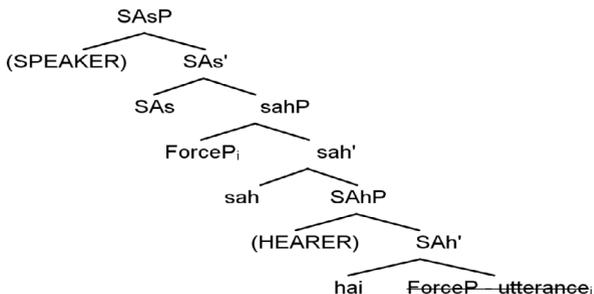
Fonte: Elaboração própria.

Pressupõe-se que existe uma hierarquia para a atribuição de Caso e papel temático/pragmático no domínio de SAP, tal qual ocorre na concha larsoniana: (i) o Caso Exclamativo e o papel pragmático “falante” são atribuídos ao constituinte que ocupa a posição de argumento mais alta, geralmente uma interjeição, e (ii) o Caso Vocativo e o papel pragmático “ouvinte” são atribuídos ao constituinte que esteja situado na posição intermediária de argumento, podendo ou não envolver uma marca morfológica. Em Latim o nome vocativo apresenta uma marca morfológica de Caso (por exemplo, Lat. *lupus* ‘lobo’ NOM *versus* *lupe* ‘lobo VOCC’.<sup>11</sup> Ressalte-se que, como é sabido, o fato de haver desinências casuais visíveis não implica dizer que, na sua ausência em outras línguas, não exista a atribuição de Caso abstrato. O caso vocativo morfológicamente realizado é opcional nos nomes, visto que mesmo sem essas marcas um termo pode ser interpretado como vocativo. Quando não há marca morfológica, o que indica que um nome seja interpretado como vocativo é a entoação com que é pronunciado e, além disso, a função do substantivo de chamamento ou de destinatário no diálogo.

Além das posições argumentais, Hill (2014, p.171) estipula a existência de uma categoria discursiva no domínio de SAP, como ilustrado a seguir:

<sup>11</sup> Como pontua Hill (2014, p. 4), no Latim e no Grego Antigo, nomes da segunda declinação no singular são terminados com -e, marca morfológica de vocativo. Esta marca remonta ao proto-indoeuropeu e ainda é encontrada no grego, no búlgaro e no romeno. A abordagem da origem, os tipos e a distribuição dos morfemas do Caso Vocativo se enquadram no campo da Linguística Histórica tradicional. Não estenderemos esta discussão, uma vez que a discussão sobre a dimensão histórica dos vocativos não se enquadra dentre os objetivos deste artigo.

(18)



Fonte: Hill (2014, p. 171).

Em (18), SAh seleciona ForceP como complemento e o vocativo como especificador. Observe-se a existência de uma categoria discursiva sah, localizada na projeção mais alta da área de ouvinte, a qual é licenciada pela presença de um traço discursivo, a saber, o traço [ênfase] – ou, nos termos da autora, [emphatic]. Este traço desencadeia o movimento de ForceP para o especificador de sahP, movimento esse que gera uma alteração na interpretação da sentença, uma vez que o vocativo, que representa o ouvinte, passa a desempenhar a função pragmática de destinatário, ao invés de chamamento. Assim, é a existência do traço [ênfase], que determina a interpretação da sentença, como injuntiva ou avaliativa.<sup>12</sup>

Se houver movimento de ForceP, temos a seguinte ordem de palavras:

(19) Só encontrei esse livro na Fnac, João.

Só encontrei esse livro na Fnac – FORCEP/sahP, João – VOCP

Se é outro constituinte que se movimenta, temos:

(20) Esse livro, João, só encontrei \_ na Fnac.

Esse livro – sahP, João – VOCP, só encontrei\_ na Fnac – FORCEP

Se houver topicalização de um outro constituinte como um DP, a ordem de palavras é a seguinte:

<sup>12</sup> A autora usa o termo *bonding reading* para se referir a um contexto avaliativo, em contrapartida de um contexto injuntivo, em que temos o modo imperativo.

- (21) Esse livro, João, eu só encontrei \_ na Fnac.  
 Esse livro – TOP, João – VOC, eu só encontrei \_ na Fnac – FORCEP

Continuando o mapeamento da interface sintaxe-pragmática, utilizando-se de dados do flamengo ocidental, Hill (2014, p.176) investigou o comportamento sintático de partículas vocativas, *zé* e *zè*. Estas partículas são derivadas do verbo *zien* (ver). De acordo com Hill (2014), a partícula *zé*, pronunciada com entonação mais forte, geralmente ocorre em posição inicial (exemplo de Hill (2014, p. 176)):

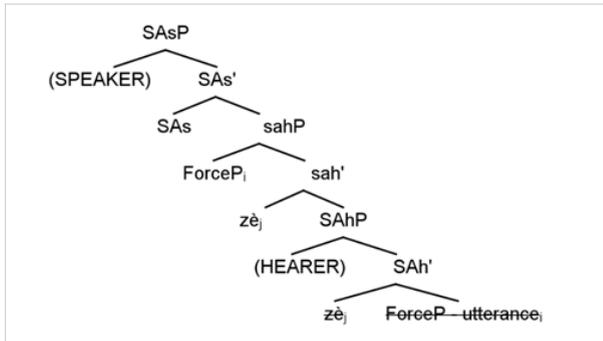
- (22) *Zé*, Valère is doa!  
*Zé* Valère está ali  
 ‘Veja, Valère está ali!’

Por sua vez, *zè* é pronunciado com entonação mais fraca e ocorre em posição final, como no seguinte exemplo de Hill (2014, p. 176):

- (23) Valère is doa *zè*  
 Valère está ali *zè*  
 ‘Valère está ali, como você pode ver.’

A partir dessa descrição, a autora postula a existência de um outro traço no núcleo de sahP, o traço [atenção]. Este traço está presente no núcleo de Sah e quando esta posição é preenchida, é valorado, de modo que se obtém [+atenção]. Este é o caso da construção em (22). Por outro lado, quando o traço [ênfase] está presente e há movimento de ForceP para o especificador de sahP, temos também o movimento da partícula *zè* para o núcleo de sahP, de forma que obtemos [-atenção]. O movimento de ForceP condiciona o movimento da partícula, como se pode observar na configuração abaixo (HILL, 2014, p.179):

(24)



Fonte: Hill (2014, p. 179.)

Na configuração acima, há também o movimento de ForceP para o especificador dessa categoria devido à atuação do traço [ênfase]. Portanto, em (24), o constituinte que se move para o especificador de sahP é alvo do traço [ênfase], mas não do traço [atenção]. O último é verificado pela partícula *zè* a partir do movimento núcleo a núcleo.<sup>13</sup>

De acordo com Hill (2014), a partícula vocativa pode estar associada a traços funcionais: um traço interpessoal e o traço de 2ª pessoa, nos termos da autora, temos, respectivamente, [i-p] e [2nd]. O traço [i-p] codifica a relação interpessoal entre o falante e o ouvinte, ao passo que o traço de 2ª pessoa, ao qual nos referiremos, doravante, como [2<sup>a</sup>p], que atribui ao nome o estatuto de ouvinte.

Como veremos na próxima seção, considerando o percurso de *senhor* de adjunto a núcleo, Ramos (2011), uma evidência de que vocativos são licenciados por um traço de 2ª pessoa é a de que não são antecedidos por artigos definidos e, portanto, são sintagmas nominais (*Noun Phrases*). Por outro lado, se um nome é precedido por um artigo definido, temos sintagmas determinantes (*Determiner Phrases*). Assim, o núcleo do sintagma determinante, D°, valora nomes de 3ª pessoa), o que não é o caso dos vocativos. Pode-se notar, portanto, uma análise dos vocativos como VocPs, ao invés de NP/DP, é mais adequada, na medida em que a interpretação de ouvinte tem origem em uma configuração sintática em

<sup>13</sup> Hill (2014, p.177) ressalta que o romeno e o flamengo ocidental exibem as mesmas possibilidades para relacionar a distribuição e a interpretação na estrutura de SAhP, uma vez que a leitura de atenção está associada ao valor [+atenção] e à posição inicial.

que VocP seleciona um NP e valora um traço de 2ª pessoa. Dessa forma, este traço de 2ª pessoa de ouvinte também é mapeado na sintaxe do nome, o qual interage na sintaxe com [i-p] na derivação de VocP.

Nesta seção, foi apresentada a proposta de Hill (2007, 2014) para a posição do vocativo e também para a posição da interjeição na interface sintático-pragmática ou domínio de SAP. Em resumo, de acordo com a autora:

- (i) o domínio de SAP é dividido em duas áreas, a saber, a área de ouvinte, SahP, que é o *locus* do vocativo; e a área de falante SASP, onde se situam as interjeições;
- (ii) no domínio de SAP, Caso Vocativo e Papel pragmático “ouvinte” são atribuídos ao vocativo, ao passo que Caso Exclamativo e Papel pragmático “falante” são atribuídos às interjeições;
- (iii) a observação do comportamento sintático da partícula “hai” do romeno que se realiza com duas outras terminações (haideti/ haidem) evidencia a relação entre o núcleo de SahP (o núcleo da área de ouvinte) e ForceP, visto que a terminação da partícula varia de acordo com o tipo sentencial.
- (iv) na área de ouvinte da interface sintático-pragmática, há a atuação de dois traços [ênfase] e [atenção],
- (v) a existência da categoria VocP, situada no especificador de SahP, é evidenciada por um traço de 2ª pessoa que atribui o estatuto de ouvinte ao nome que desempenha função sintática de vocativo;
- (vi) há também outro traço presente em Voc<sup>o</sup>, qual seja [i-p], o qual codifica a relação interpessoal entre falante e ouvinte;
- (vii) a posição sintática do vocativo está atrelada à função pragmática deste constituinte, de forma que condiciona também a interpretação.

Após a apresentação dos pressupostos teóricos que norteiam este artigo, na próxima seção, descreveremos construções com a partícula “sô”, realizada sintaticamente como vocativo.

### 3 As formas vocativas: uma descrição

Segundo Hill (2014), as formas vocativas podem ser diretas ou indiretas. As primeiras identificam o ouvinte, pois nelas, um vocativo, muitas das vezes constituído pelo próprio nome do interlocutor, sempre

está presente e, portanto, constituem um apelo direto a quem a forma de chamamento é dirigida. Já as formas de chamamento indiretas são representadas pelas partículas vocativas indiretas desacompanhadas de vocativo que podem atuar como chamamento. São exemplos dessas últimas, citados pela autora, em português: *Ei, Oh. Ah* etc. e outras expressões, como *ok, obrigado, olá, oi*, etc.<sup>14</sup>

De acordo com a autora, as formas vocativas podem conter um vocativo, como em (25), uma partícula de chamamento indireto ou uma interjeição<sup>15</sup> seguida por um vocativo, como em (26), uma partícula de chamamento indireto, como em (27), conforme se vê, abaixo:

(25) Mamãe, não está vendo que estou falando com você? PB

(26) Oh, Maria, o que houve? PB

(27) Oh, o que houve? PB

No exemplo (25), a forma de chamamento é composta pelo vocativo *mamãe*; em (26), temos uma forma de chamamento composta pela interjeição “*Oh*” e o vocativo *Maria* e, em (27), é a partícula de chamamento direto *Oh* que configura uma forma de chamamento.

As formas de chamamento ocorrem à esquerda da oração, o que está em concordância com a constatação da existência de dois tipos de vocativos, chamamentos e destinatários, e que a função que desempenham está relacionada com a posição sintática: os chamamentos ocorrem à esquerda da oração, ao passo que os destinatários ocorrem à direita de um constituinte ou da oração.<sup>16</sup> A autora observa ainda que formas vocativas diretas apresentam-se reduzidas em várias línguas, resultando em partículas vocativas, como (*a*)*be/bre*, *+le e Ma*, no Búlgaro, *Vre e (mo)re*, no Grego; *Ó e pá*; no Português Europeu; *zé e zè*, no Flamengo Ocidental, dentre outros exemplos, de outras línguas. À semelhança dessas

<sup>14</sup> As partículas vocativas são geralmente tratadas como interjeições nas gramáticas tradicionais.

<sup>15</sup> Seguindo Hill (2014, p. 157), assumimos a existência de dois tipos de interjeições: as propriamente ditas, que expressam o estado mental, as emoções e sentimentos do falante, e as partículas de chamamento indireto, que podem atuar como um chamamento ou como um cumprimento. Para obter mais detalhes sobre diferentes tipos de interjeições, consulte Moreira (2017).

<sup>16</sup> Esta hipótese foi apresentada na Introdução deste texto.

partículas, identificamos, no dialeto mineiro, a partícula *sô*. Exploraremos as possibilidades de ocorrência dessa partícula na seção 3.1.

### 3.1 A partícula vocativa *sô* no dialeto mineiro

Observamos que a partícula *sô* ocorre em diferentes posições na oração:

- (28) a. Uai *sô*, o negócio tá feio.  
 b. Ô *sô*, o negócio tá feio.  
 c. \**Sô*, o negócio tá feio.
- (29) a. Pára com isso, *sô*.  
 b. ?Pára com isso,(#) ô *sô*.  
 c. ?Pára com isso, (#) uai *sô*.
- (30) a. Ô, pára com isso, *sô*.  
 b. Uai, pára com isso, *sô*.
- (31) a. Cadê os prego que eu deixei aqui?  
 b. Os prego, *sô*, sei cadê não.

Observe-se que a realização da partícula *sô* é possível em posição inicial se houver precedência de interjeição. Em (28a), a partícula *sô* é precedida pela interjeição *uai*; enquanto que em (28b) é a partícula de chamamento indireto *Ô* que a precede. Por sua vez, a construção em (28c) é agramatical, visto que não há nenhum item lexical à esquerda da partícula vocativa. Já em posição final, como exemplificado em (29), não é usual que essa partícula seja precedida por interjeição ou partícula de chamamento indireto, a não ser que haja uma pausa enfática entre a oração e um desses constituintes, o que pode indicar que se tem duas construções, estando uma delas antes e outra após esta pausa. Há ainda a possibilidade de uma partícula de chamamento indireto, como *Ô*, ou uma interjeição, como *Uai*, ocorrer ao início da oração, ao passo que a partícula vocativa *sô* ocorre ao final, como em (30a) e (33b), respectivamente. Ressalte-se, ainda, que na resposta, em (31), a partícula vocativa *sô* está alocada à direita de um constituinte topicalizado.

Segundo Ramos (2011, p. 81), a ocorrência do item *sô* na posição sintática de vocativo permitiu identificar que o processo de

pronominalização se desenvolveu nos últimos dois séculos no português e que a ocorrência do item na posição sintática de vocativo favoreceu a reanálise. Esse processo se deu ao final da oração e depois o seu uso foi expandido para outras posições disponíveis para o vocativo. Conforme assinala Head (1976, *apud* RAMOS, 2011, p. 71), não é incomum nas línguas que nomes e expressões nominais adquiram características de pronomes: nome > nome pronominalizado > pronome > pronome pessoal. Para Ramos (2011 p. 70), como já dissemos, *senhor* e *sô* são pronomes, sendo o primeiro uma forma homônima de um nome.

Sobre esse processo, nos termos da gramática gerativa, de acordo com Vitral (2002), a perda de substância fônica, em um processo de gramaticalização/ pronominalização/ cliticização, envolve a mudança de estrutura, isto é, a mudança de projeção máxima para núcleo pode ser vista como uma consequência da atração exercida pelas categorias gramaticais.<sup>17</sup>

Roberts e Rousseau (2003, p.45) exemplificam casos em que um DP<sup>18</sup> em posição de especificador é reanalisado como núcleo. Gelderen (2006, p.4) implementa essa proposta e argumenta que a gramaticalização constitui fonte de inovação linguística prevista por princípios da Gramática Universal, na medida em que três desses princípios, que implicam a noção de economia, são relevantes: (a) *Head Preference Principle* (HPP): quando possível seja núcleo, e não um sintagma (GELDEREN, 2006, p. 6); (b) *Late Merge Principle* (LMP): juntar o mais tarde possível (GELDEREN, 2006, p. 10) e (c) *Specifier Incorporation Principle* (SIP): quando possível, seja um especificador e não um adjunto (GELDEREN, 2006, p.15); e quando possível seja um núcleo e não um sintagma.

Levando em conta esse princípio, Ramos (2011, p.80) postula que o percurso de *senhor* poderia ser descrito assim:

(32) Adjunto > especificador > núcleo nominal > núcleo de determinante

<sup>17</sup> Para autor, isso se deve ao fato de que são as categorias gramaticais que atraem itens pertencentes a outras categorias gramaticais e também pertencentes às categorias lexicais, que passam a se alocar, através de movimento ou inserção, nas posições previstas pelo domínio de atração das categorias gramaticais “atratoras”. Conforme o autor, ao que parece há uma cooptação de itens, exercida pelas categorias gramaticais, que provoca a redução fonética e a alteração da natureza do significado (ou esvaziamento semântico), captadas por meio da noção de processo de gramaticalização.

<sup>18</sup> *Determiner Phrase*.

Em (33), *senhor* (flexionado no feminino) se realiza como adjunto:

(33) A *senhora* duquesa deseja alguma coisa? (RAMOS, 2011, p.80.)

Como observa a autora também que a inserção de um adjetivo não torna o sintagma malformado, como no exemplo abaixo:

(34) a. A gentil e honesta *senhora* duquesa deseja alguma coisa?

b. A bela e gentil *senhora* duquesa.

c. A *senhora* e bela duquesa. (RAMOS, 2011, p.80.)

O núcleo do sintagma nominal seria o nome *duquesa*; *senhora* seria o aposto. Conforme a autora, no eixo do tempo, os sintagmas contendo *senhor* deixam de ocorrer com outros elementos. A relação entre o artigo e o item *senhor* se reestrutura, e o sintagma nominal deixa de permitir adjetivos, como em (35b):

(35) A: - Posso me assentar ali?

B': - Sim, o senhor pode se assentar ali.

B'': - \*Sim, um senhor pode se assentar ali.

B''': - \* O bom senhor pode se assentar ali. (RAMOS, 2011, p.71)

Nas respostas em (35), o item *senhor* refere-se àquele que faz a pergunta e apenas o contexto extralinguístico permite identificar que, ele é. Veja-se que em (B'') *senhor* vem precedido de um artigo definido e em (B''') de um adjunto. O resultado, nesses exemplos, é a impossibilidade de *senhor* referir-se a quem faz a pergunta (A).

Além disso, o artigo deixa de poder ser substituído por demonstrativos. Essa rigidez pode ser analisada como resultante de uma reanálise, que fez com que *senhor* deixasse de ser adjunto e passasse a ser núcleo. Uma consequência dessa reanálise foi a realização de *sô*.

(36) A: - Posso me assentar ali?

B': - Sim, *sô* pode se assentar ali.

B'': - \*?Sim, o *sô* pode se assentar ali.

B''': - \*?Sim, um *sô* pode se assentar ali.

B''': - \*Sim, o bom senhor pode se assentar ali. (RAMOS, 2011, p.72.)

A comparação dos diálogos permite verificar que a forma reduzida não aceita artigo definido, enquanto a forma plena o aceita. Isso constitui uma indicação de que o item pleno seria estruturalmente mais complexo do que o item reduzido e aponto para o processo de gramaticalização sobre o qual discorremos.

A descrição do percurso de *senhor* apresentada por Ramos (2011) vai ao encontro do que pressupõe Hill (2014, p. 179), ao situar a partícula vocativa *zé* e sua variante *zè*, do Flamengo Ocidental, no núcleo de SAhP ou no núcleo de sahP, como na configuração em (24).<sup>19</sup>

A ocorrência das construções com a partícula *sô* conduz-nos ao entendimento de que a pronominalização do item *sô* se deu ao final da oração e depois o seu uso foi expandido para outras posições disponíveis para o vocativo. Portanto, este é um caso em que um DP em posição de especificador é reanalisado como núcleo. Como afirma Gelderen (2006), essa seria uma etapa necessária. Como ela afirma, “nomes na posição argumental não são núcleos, pois sempre contêm determinante” e acrescenta que “nomes puros ocorrem como adverbiais, predicativos e vocativos” (GELDEREN, 2004, p.187).

Nesta seção, exploramos os contextos de ocorrência da partícula *sô* no dialeto mineiro, considerando a avaliação de falantes nativos, a fim de subsidiar a elaboração das configurações arbóreas correspondentes às sentenças que contém essa partícula, a serem apresentadas na seção 4. Observamos que a realização da partícula *sô* é possível em posição inicial se houver precedência de interjeição e, em posição final, não é precedida por interjeição ou partícula de chamamento indireto, exceto quando há uma pausa enfática entre a oração e um desses constituintes. A descrição dos dados leva-nos a conjecturar que ocorreu um processo de pronominalização da forma *sô*, de forma que *senhor* passou de adjunto a especificador e de especificador a núcleo, em concordância com Ramos (2011).

#### 4 A partícula *sô* na interface sintático-pragmática

Como visto, em posição inicial, a partícula *sô*, deve ser precedida por interjeição ou por uma partícula de chamamento indireto, como se vê nos exemplos abaixo:

---

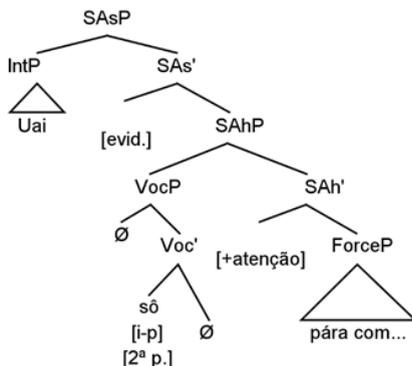
<sup>19</sup> Outro ponto a ser debatido é que, no processo de aquisição, a criança seja exposta a um amplo *input* de estruturas que provêm de evidências de que sintagmas plenos possam ser analisados como tal.

(37) a. Uai sô, pára com isso.

b. Ô sô, pára com isso.

Segue-se a configuração referente a construção em (37a):

(38)



Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que há uma diferença do comportamento da partícula “sô” e dos vocativos que exercem função de chamamento. Estes últimos podem ocupar a posição inicial, se precedidos ou não de interjeição ou uma partícula de chamamento indireto. A ocorrência da partícula “sô” em posição inicial é, portanto, mais marcada do que a ocorrência de vocativos nesta posição. O traço [atenção] de SAh é valorado, de modo que se obtém [+atenção]. Ilustramos, ainda, a ocorrência de traços dentro do sintagma vocativo, VocP, a saber o traço de 2ª pessoa, que atribui ao nome que desempenha essa função sintática o estatuto de ouvinte, e o traço interpessoal [i-p], que codifica a relação entre falante e ouvinte.<sup>20</sup>

No que diz respeito à área de falante, a interjeição *uai*, presente no exemplo (37a) seja do tipo assertiva, nos termos Alonso-Cortès (1999). Segundo o autor, esse tipo de interjeição indica implicitamente a avaliação por parte do falante de algo que o interlocutor disse ou algo que aconteceu.

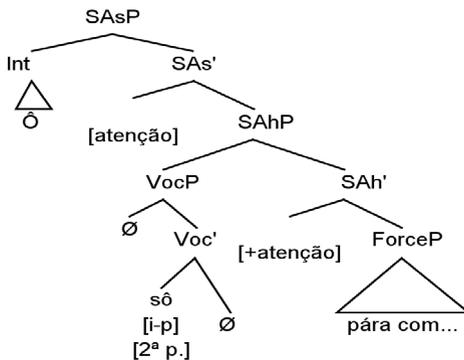
<sup>20</sup> É importante pontuar que não nos dedicamos, neste artigo, a uma análise detalhada das interjeições, entretanto, como estes constituintes obrigatoriamente precedem a partícula de chamamento direto “sô”, em posição inicial, precisamos esboçar uma análise destes constituintes.

Os outros dois tipos de interjeições consideradas pelo autor são: (i) expressivas, que indicam o que o falante está pensando: assombro, surpresa, admiração, dor, lamento, alegria, rejeição, asco etc.; e as diretivas, que acompanham o imperativo, indicando a força ilocutiva do ato instativo.<sup>21</sup>

Hill (2007) se refere a este último tipo de constituinte como partículas de chamamento indireto, diferenciando-os dos outros tipos de interjeições, que se tratam, nesta perspectiva das interjeições propriamente ditas. Partindo de estudo realizado anteriormente (MOREIRA, 2017), consideramos que as interjeições, como *Uai*, em (30) são licenciadas pelo traço [evidencialidade], enquanto que a derivação das partículas de chamamento direto, como *oi*, *olá*, *psiu*, *ô*, envolve o traço [atenção].

A seguir, apresentamos a configuração arbórea referente à construção em (37b):

(39)



Fonte: Elaboração própria.

Na representação sintática acima, a partícula de chamamento indireto “ô” é alocada no especificador de SAsP, na área de falante. Como vimos, este constituinte se enquadra dentre os tipos de interjeições elencados

Considerando a sintaxe interna de VocP, a partícula “só” está presente em Voc°, o que verifica os traços [i-p] e [2ºp.]. Já em relação à posição do vocativo na frase, temos o preenchimento do especificador

<sup>21</sup> Para mais detalhes acerca da análise das interjeições e das partículas de chamamento indireto, consulte Moreira (2017).

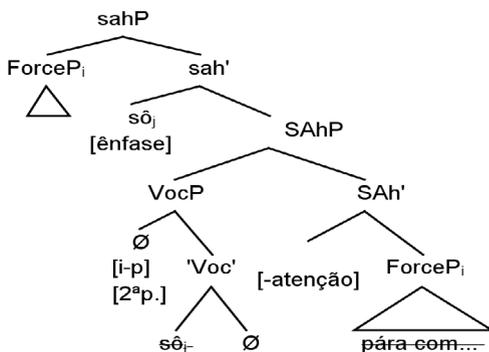
de SasP e, por consequência, a valoração do traço de Sah°, de forma que obtemos [+atenção].

Já em posição final, a partícula *sô* não ocorre precedida por interjeição ou partícula de chamamento indireto, como exemplificado em (29 a) e, novamente, abaixo:

(40) Pára com isso, sô.

A configuração arbórea correspondente é a seguinte:

(41)



Fonte: Elaboração própria.

Na configuração acima, há atuação do traço [ênfase] que desencadeia o movimento de ForceP para o especificador de sahP e também o movimento núcleo a núcleo da partícula *sô*, de forma que obtemos [-atenção] e na interpretação de destinatário.

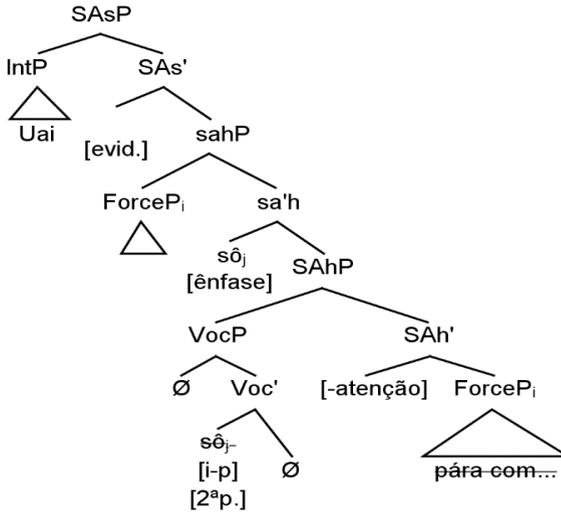
São exemplos apresentados em (37a) e (37b):

(42) a. Uai, pára com isso, sô.

b. Ô, pára com isso, sô.

A configuração referente à construção em (42a) segue abaixo:

(43)



Fonte: Elaboração própria.

Na área de falante, tem-se a ocorrência da interjeição *Uai*, a qual é licenciada pelo traço [evidencialidade]. Já na área de ouvinte, o traço [ênfase] desencadeia o movimento de ForceP para o especificador da categoria discursiva *sahP*. Apesar disso, a partícula “sô” permanece no núcleo de VocP, categoria que, por sua vez, está situada no especificador de *SahP*, o que está em conformidade com a valoração de [-atenção].

Nesta seção, analisamos as ocorrências da partícula *sô* em diferentes posições na oração e a situamos em Voc<sup>o</sup>, núcleo do sintagma vocativo. Conforme foi observado: (i) a ocorrência da partícula “sô”, em posição inicial é mais marcada do que a dos vocativos nesta posição; (ii) ilustramos a realização de traços dentro e fora do sintagma vocativo, em perspectiva macro e micro sintática; (iii) exploramos o comportamento sintático das interjeições que precedem o vocativo, em casos em que este sintagma é alocado em posição inicial, e identificamos aquelas que desempenham função de chamamento em oposição àquelas que exercem função de uma interjeição propriamente dita.

## 5 Considerações finais

Neste estudo, foi possível: (i) descrever as propriedades das construções contendo o item *sô*, que se realiza sintaticamente como vocativo, no dialeto mineiro; (ii) descrever as propriedades das construções contendo este item e a relação com as interjeições ou partículas de chamamento indireto; (iii) definir a posição da forma reduzida *sô* na interface sintático-pragmática e (iv) iniciar o estudo da sintaxe interna de VocP, tendo em vista que a análise da relação do traço de 2ª pessoa ao NP poderá ser explorada em trabalho futuro.

O estudo do comportamento sintático da partícula *sô* possibilitou-nos, ainda, certificar a posição dos chamamentos à esquerda dos destinatários na interface sintático pragmática. Investigando os contextos de ocorrência de *sô*, no dialeto mineiro e a partir das representações sintáticas, corroboramos com a constatação de Ramos (2011) de que a partir de um processo de pronominalização, houve uma reanálise de *senhor*, que ao passar de nome a pronome, passou de especificador a núcleo. Uma questão emerge neste ponto e ficará cargo de uma nova pesquisa: *sô* pode estar a caminho de alcançar o estatuto de clítico?

Vale dizer, ainda, que a observação do comportamento das interjeições e das partículas de chamamento indireto trouxe-nos pistas de que é válida a distinção entre dois tipos de vocativos, a saber, chamamento e destinatário. Por fim, neste artigo, tentamos oferecer um contributo para o estudo da interface sintático-pragmática e para a descrição do dialeto mineiro.

### Agradecimento

Agradeço ao Prof. Lorenzo Vitral pelas sugestões e observações, que contribuíram para o desenvolvimento deste artigo.

## Referências

- ALONSO-CORTES, A. Las construcciones exclamativas. La interjeccion y las expresiones vocativas. In: BOSQUE, DEMONTE (org.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999. v. 3, p. 3993-4050.
- BRAGA, T. *Terra ideal*. Revista local em 3 atos. Manuscrito. São João Del Rei: Acervo Clube Teatral Artur Azevedo; Biblioteca da Universidade Federal de São João Del-Rei, 1915.
- GELDEREN, E. *Principles and Parameters in Change*. Amsterdam: John Benjamins, 2004.
- GELDEREN, E. *Economy of Merge and Grammaticalization: Two Steps in the Evolution of Language*, 2006. Disponível em: <http://www.public.asu.edu/~gelder/elly.htm>. Acesso em: 29 jan. 2020.
- HEAD, B. F. Respect Degrees in pronominal reference. In: GREENBERG, J. (ed.) *Universals of Human Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976. v. 3. p. 151-211.
- HILL, V. Vocatives and the Pragmatics-Syntax Interface. *Lingua*, [S.l.], v. 117, p. 2077-2106, 2007. DOI: 10.1016/j.lingua.2007.01.002
- HILL, V. *Vocatives: How Syntax Meets with Pragmatics*. Leiden: Brill, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1163/9789004261389>
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. DOI: <https://doi.org/10.5628/rpcd.01.03.03>
- MARCOS, P. *Dois perdidos numa noite suja*. São Paulo: Ed. Global, 1978.
- MARTINS PENA, L. C. O Noviço. In: \_\_\_\_\_. *Teatro de Martins Pena*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1956. p. 293-335.
- MOREIRA, J. C. *O vocativo na língua coloquial de Minas Gerais nos séculos XIX e XX: uma abordagem variacionista*. 2005. 92f. Monografia (Bacharelado) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2005.

MOREIRA, J. C. *O vocativo no Português Brasileiro nos séculos XIX e XX: um estudo de mudança linguística*. 2008. 108f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MOREIRA, J. C. Interjeições e invocações: a ordem de constituintes exclamativos no Português Brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v.58, p. 61-82, 2017. DOI: <https://doi.org/10.9771/ell.v0i58.26806>

MOREIRA, J. C.; ALKMIM, M. G. R. de. Preenchedores de vocativo em peças teatrais. In: RAMOS, J. M.; COELHO, S. M. (org.). *Português brasileiro dialetal: temas gramaticais*. Campinas: Mercado das Letras, 2013. p. 73-90.

PAIVA, Modesto de. *Mudança de Capital*. Comédia em 1 ato. Manuscrito do Acervo do Clube Teatral Artur Azevedo. Biblioteca da Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 1893.

PAIVA, M. de. *A onça*. Revista local em 3 atos. Manuscrito. São João Del Rei: Acervo Clube Teatral A. Azevedo; Biblioteca da Universidade Federal de São João Del Rei, 1897.

RAMOS, J. M. De nome a pronome: um estudo sobre o item senhor. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 69-83, 2011. DOI: <https://doi.org/10.17851/2238-3824.16.2.69-84>

REZENDE, S. N. C. de. *A virgem Mártir de Santarém*. Drama em 4 atos. Manuscrito Acervo do Clube Teatral A. Azevedo. Biblioteca da Universidade Federal de São João del Rei, São João Del Rei, 1882.

REZENDE, S. N. C. de. *Santo Antônio nas águas*. Manuscrito. São João Del Rei: Acervo do Clube Teatral A. Azevedo; Biblioteca da Universidade Federal de São João del Rei, 1906.

RIZZI, L. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGMAN, L. (ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337. DOI: [https://doi.org/10.1007/978-94-011-5420-8\\_7](https://doi.org/10.1007/978-94-011-5420-8_7)

ROBERTS, I.; ROUSSEAU, A. *Syntactic Change: A Minimalist Approach to Grammaticalization*. Cambridge: University Press, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486326>

SPEAS, M; TENNY, C. Configurational Properties of Point of View Roles. In: DI SCIULLO, A. M. (ed.). *Asymmetry in Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 315-344. DOI: <https://doi.org/10.1075/la.57.15spe>

VITRAL, L. T. A interpolação de “se” e as consequências para a teoria da cliticização. *Revista da Abralin*, Aracaju, v.1, n. 2. p. 161-197, 2002. DOI: <https://doi.org/10.5380/rabl.v1i2.52697>

WERNECK, A. *Lucrecia*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1900.